

## A sequência do tempo: na transformação (adulteração) do espaço

Indivíduo

Memória

Experiência

### RESUMO

Este trabalho concentra-se em pôr em causa o corpo como papel principal da percepção, do pensamento e da (in)consciência do indivíduo dentro do espaço. De forma a identificar os componentes que caracterizam o espaço como lugar, apresentando em contraposição a criação de um não lugar, são estabelecidas ao longo desta especulação estratégias para interpretar o conceito projetual de controle sobre a composição em causa, tanto da parte do autor como do indivíduo que experiencia a criação do arquiteto.

Com este fim são estabelecidos dois tempos coexistentes nesta análise: o passado e o presente. O Passado representa duas vertentes dentro do campo de interpretação do indivíduo, sendo estas o intelecto e o emocional, como fator de influência na pré-disposição do mesmo à experiência. O conceito de intelecto abrange toda a informação racional adquirida como conhecimento, enquanto o emocional é fundamentado nas memórias que fazem parte do indivíduo em si. Já o Presente concentra-se na interpretação háptica e na interação direta do corpo com o espaço, dependendo assim do campo sensorial para criar alguma reação de resposta à experiência. Em ambas as vertentes são indagadas a existência (ou não) da consciência como agente pertinente na interpretação pessoal e como esta molda a vivência do espaço.

### TEMÁTICA

A ideia de sequência surge como fio condutor de toda a temática que pretendemos abordar: desde a constituição do próprio painel, ao seu layout, à forma como se sucedem as imagens, tudo aponta para este conceito de processo e de quase linearidade no tempo da experiência da arquitetura.

Pensando no desenho prévio de projeto como o primeiro ponto de origem e elemento catalisador deste processo, este possui em si mesmo um pensamento que vive das referências e memórias do arquiteto que desenha e pensa em arquitetura. Num segundo ponto de origem surge o nascimento da interpretação, própria e individual do sujeito que se movimenta e interage com o espaço, também este com uma bagagem tanto sensível como intelectual, de referências e memórias que, inevitavelmente, o condicionam e determinam a sua relação com a arquitetura.

É a partir deste ponto que podemos distinguir, a nosso proveito, entre as duas dimensões da interpretação: consciente ou inconsciente. Consciente na medida do intelecto, do racional, do incutido. Podemos pensar, deste modo, numa intelectualização do espaço, que dado um certo significado, símbolo exige logo do indivíduo uma postura diferente e uma atenção particular à obra arquitetónica. Pelo contrário, a dimensão inconsciente prende-se muito mais com a con-



**“UM EDIFÍCIO TEM  
SEMPRE ALGO A  
DIZER, EM NOME DO  
SEU  
ARQUITETO, DO SEU  
HABITANTE OU MES-  
MO DO O  
MOVIMENTO EM QUE  
SE INSERE.”**

## A sequência do tempo: na transformação (adulteração) do espaço



dição de uma pré-disposição, um sentido lato sensível que está inerente a qualquer sujeito e que surge também fruto das suas referências, muitas vezes não-arquitetônicas, as suas memórias e experiências passadas. Esta dimensão está muito mais ligada à impressão, ao impacto enquanto capacidade da arquitetura, e de um sentido muito mais cru e abstrato.

Como já referido anteriormente, toda a ideia da temática parte da intenção do desenho do arquitecto, tendo como espécie de objetivo final, e ponto de chegada, a experiência individual do sujeito. No entanto, e apesar de todo este sentido sequencial, tentamos focalizar no cerne da temática, onde se encontra toda a matéria que pretendemos potenciar através da sua exploração. Deste modo, é a interpretação que cada indivíduo faz de um dado espaço, tendo em conta o que a origina e naquilo em que culmina, que pretendemos desenvolver tendo em conta alguns conceitos-referência.

Como é dado adquirido, o indivíduo é o ponto focal, pois é para ele que é pensado todo o teatro da arquitetura. Toda a interpretação parte dele, enquanto ser individual, que tem conhecimentos próprios e um quadro de imagens referência, no entanto, inútil se não for levado a refletir e a viver o espaço por um elemento catalisador, que aqui identificamos como um estímulo. Porém, o mesmo estímulo é desde logo, também ele, interpretado por diferentes indivíduos de distintas maneiras, consoante um quadro sensorial próprio, dando origem a diferentes leituras perante o mesmo caso de análise. Deparamo-nos, assim, desde o primeiro momento com uma pluralidade de caminhos e de interpretações que aproximam e se desviam umas das outras, num mapa de múltiplos caminhos com o mesmo ponto de origem, mas sempre momentos de chegada distintos. Esta ideia de que, logo à partida, já não nos encontramos todos perante a mesma obra, permite antever a variedade de vidas que o espaço pode conceber e propiciar, sob o signo de um desenho prévio de projeto.

É também importante mencionar, embora já implícito no referido anteriormente, toda a dimensão sensorial que acompanha a experiência arquitetónica, ainda que mais próxima da dimensão consciente, a sensibilidade age como intensificadora desta experiência e torna-se um meio através do qual o indivíduo se movimenta no espaço, apreendendo sensações e criando a partir desse momento, um novo quadro de imagens que, mais tarde, servirão como referência para novas interpretações de outros espaços.

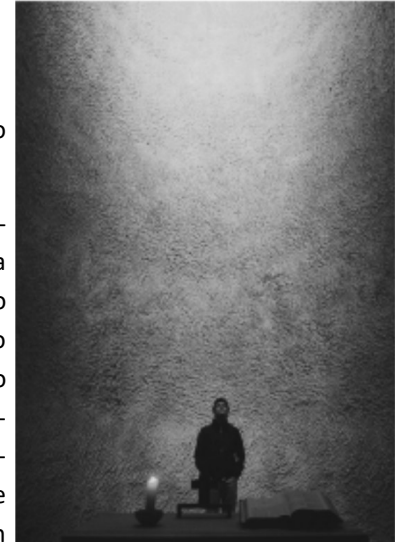
Na medida destas referências, surge a experiência e a memória, visto que é preciso considerar o indivíduo não só como entidade abstrata, mas com um passado cultural, que não só fala uma linguagem diferente, como habita e se movimenta em distintos mundos sensíveis. Em última instância, os

**“ESTAMOS EM  
CONSTANTE DIÁLOGO  
E INTERAÇÃO COM O  
QUE NOS RODEIA,  
CHEGANDO AO PONTO  
QUE É IMPOSSÍVEL  
DESLIGAR A IMAGEM  
DE NÓS MESMO DA  
EXISTÊNCIA ESPACIAL  
(...) «EU SOU O  
CORPO» (...) «EU SOU  
O ESPAÇO ONDE  
ESTOU»”**

## A sequência do tempo: na transformação (adulteração) do espaço

ambientes urbanos e arquitetônicos que o indivíduo cria são expressão do processo de filtração do seu quadro de imagens.

Por último, interessa-nos abordar esta questão da diferença entre um espaço e um lugar, e como indivíduo interage e reage perante cada um. Esta noção de que um local pode tornar-se um lugar a partir dessa interação depende, primeiro, de uma clara distinção entre um e outro. Sendo que o espaço, pensado previamente em projeto, representa o meio em que o indivíduo se movimenta, é a partir da sua interpretação que este se apropria do espaço e o torna um lugar. A partir deste momento, o outrora espaço arquitetónico, assume uma dimensão antropológica, capaz de traduzir um passado, um significado, um símbolo; no entanto, tendo em conta que a partir do momento que um espaço se transforma em lugar, não tem a capacidade de voltar à sua condição inicial (para esse próprio indivíduo). Mas será que um espaço pode ser lugar ao mesmo tempo, mas para pessoas diferentes?



Na medida em que falamos da condição do lugar, e da questão do tempo na interpretação da obra arquitetónica, podemos estabelecer um paralelo, que nos importa desenvolver, com o não-lugar. A sua não condição, de individualizar o indivíduo, coloca-o num domínio em que tudo é excessivo, anulando o próprio espaço, descaracterizando-o e, conseqüentemente, afastando o

sujeito da sua capacidade de estabelecer relações e interpretações daquilo que experiência.



Temos sempre abordado a temática de uma perspectiva de relação unidirecional entre o desenho do arquiteto e da experiência individual, contudo, podemos entender este processo como um ciclo constante, por exemplo, na forma como a interpretação de um indivíduo pode determinar, logo à partida, a demolição e fim de vida de uma obra. Aceitar que a interpretação pode não ser só conceptual e intelectual, mas também expressão de como o sujeito usa o espaço e se apodera dele, leva-nos a entender os diversos exemplos de bairros sociais que foram demolidos, devido a esta capacidade que o indivíduo tem de, não só de ser moldado pela arquitetura, mas também de ele próprio a mudar, muitas vezes afastando-se da ideia de imagem que o arquiteto imaginou.

Por fim, a forma como o indivíduo deixa a sua marca no espaço, a partir do momento em que se apropria deste: imagine-se uma divisão de uma casa, projetada pelo arquiteto despida de qualquer ornamento, é completada com mobília pelo sujeito que nela habita. Porém, quando este espaço deixa de ser significativa, muda-se, levando consigo toda a bagagem, mas deixando para trás a silhueta dos móveis que outrora ocuparam aquele espaço.

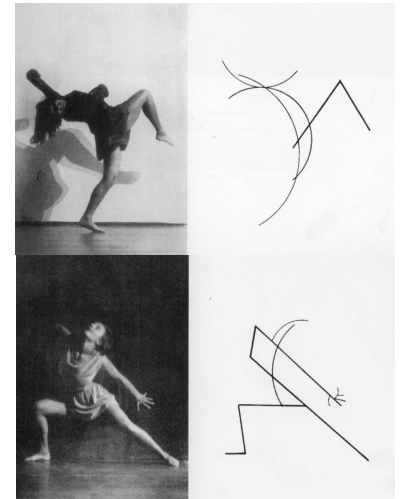
**“O CICLO TERMINA  
QUANDO TODO O SIGNIFICADO É LEVADO À  
EXAUSTÃO E O SIGNIFICADO ESQUECIDO (...)  
O PROCESSO REFORÇA  
UMA DISTINÇÃO  
CLARA ENTRE A VIDA  
DE UM EDIFÍCIO E A  
PERSISTÊNCIA DAS INTERPRETAÇÕES CRIADAS EM TORNO DELA”**

## A sequência do tempo: na transformação (adulteração) do espaço

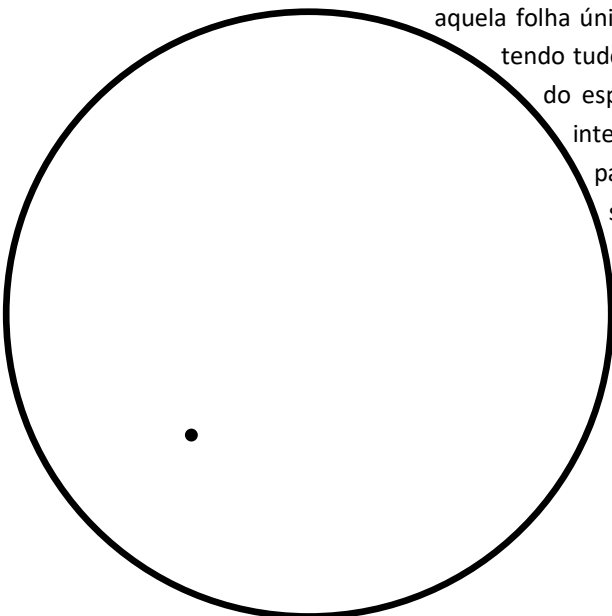
### CONCEPÇÃO

Tendo em mente o conceito da elaboração de uma sequência, seria oportuno dar a entender um ponto de vista não estático, mas sim de movimento, sendo até (ou não), por vezes efêmero. A possibilidade de acontecer algo, num espaço, por alguém, com alguma(s) coisa(s) interessantes.

Este “algo” toma-se pelo experienciar do espaço, o formato como nos levamos até ao objeto (local) e, mais tarde, tudo que esse espaço tem para oferecer ao sujeito. Estas caracterizações e estes processos revelam-se a partir de um testemunho individual acerca da sua interação com um não determinado espaço, devido à importância dada às condicionantes que se originam a partir do indivíduo, e não do espaço em si. Este não espaço, mesmo sendo neutro e cru, acaba por ter a sua funcionalidade pois o sujeito que entra em contacto com ela irá torná-lo dele, somente com o objetivo de o vivenciar de uma forma mais agradável, pensando então na sua interação com ele, ou da sua vivência, no presente. Contudo, as interações que ele vai criar são todas fruto de um passado e de um conjunto de memórias que o ajudam a tomar decisões acerca do tipo de apropriação que melhor se adequa àquele espaço e à sua visão sobre ele. A própria neutralidade do indivíduo, juntamente com um panorama minimal e simplificado ao máximo do cenário, dão a entender um ambiente cru e desprovido de inutilidades, concentrando a ação no pensamento daquela pessoa e nos meios que usa para interagir com o cenário/local.



O cenário, entendido em primeira instância como próprio cenário e não espaço, visiona-se com não sentimental, branco, neutro e perfeito para uma futura intervenção. Quase como uma folha de papel branca (talvez o cenário seja totalmente forrado a folhas de papel...) à espera de um conjunto de traços, mais ou menos suaves, mais ou menos voluntários, mas que tornarão aquela folha única e personalizada, ao traçado do autor. O autor então, tendo tudo ao seu dispor, pode começar a entender o que precisa do espaço para melhor o poder viver, ou seja, todas as suas intervenções no espaço catalogam-se como intervenções para o indivíduo, tendo o local como meio para esse fim, sendo que este raciocínio é intrínseco e involuntário em todo o processo. Voluntária poderá ser a vontade e o mau estar do indivíduo, que sente um próprio descontentamento inicial, o que o levará a mudar aquilo que o seu intelecto considera que vai ser relevante para si, não necessariamente para o local.



**“SE PERCORRERMOS O  
EDIFÍCIO COM UMA  
CAMARA DE FILMAR E,  
EM SEGUIDA,  
PROJETARMOS O  
FILME, REVIVEREMOS  
OS NOSSOS PASSOS E  
UMA PARTE DA  
EXPERIÊNCIA ESPACIAL  
QUE NOS  
ACOMPANHOU ”**

A realização destes pensamentos será então, como já foi referido, o visionamento de um processo, através de uma curta metragem, acerca do pensar do indivíduo para com a transformação de um ambiente, na tentativa de o tornar melhor e habitável aos seus olhos.

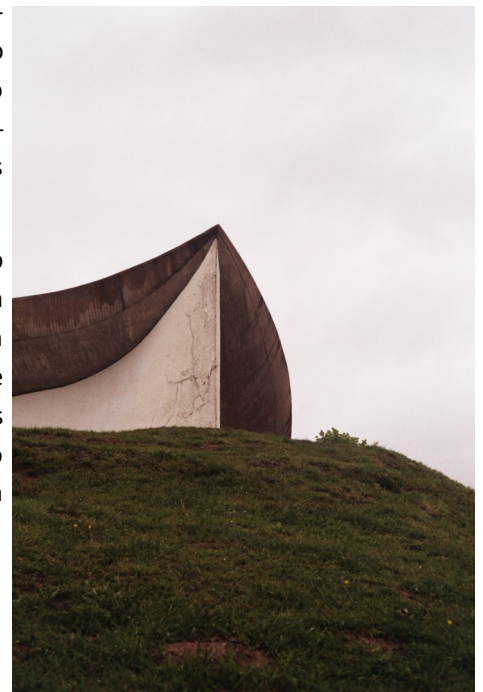
**METODOLOGIA**

Assim, o primeiro ponto a tratar para a criação dessa representação cinematográfica é o storyboard. Neste será representado passo a passo cada momento da curta. Será necessário criar um fio condutor que ligará todas as ideias e elementos, dando um sentido ao que será realizado.

Desta forma, apesar de nos interessar o espaço pensado pelo arquiteto e o desenho prévio do projeto, o indivíduo é o ponto focal, pois é para ele que é pensada a arquitetura. Ou seja, vai existir uma personagem, que representará uma entidade neutra, sendo que o vídeo realçará, de forma abstrata, a experiência individual dessa no espaço, isto é, o nascimento da interpretação, própria e individual do sujeito que se movimenta e interage nele. Contudo, temos sempre abordado a temática através de uma relação entre o desenho prévio do projeto e a experiência individual, assim, é importante ambos estarem presentes ao longo do episódio, pois, como já exemplificamos, a forma como um indivíduo interpreta um espaço pode, logo à partida, determinar o fim do que o arquiteto criou. Certamente, o cenário da curta será representado por um espaço, que é manipulado pela entidade, através da sua forma de o viver. No entanto, ainda a explorar, estão algumas questões: estará sempre presente a ideia do espaço inicial como o desenho prévio do arquiteto que depois é alterado pelo indivíduo?

Será necessário reforçar essa ideia? Assim, surgem três opções: a de não ser necessário e permanece um espaço nu, representando esse o que o arquiteto criou, ou a de ser, criando-se assim duas vertentes. Por um lado, o plano iniciar com um esboço, de modo a obter o tal espaço, o desenho prévio do projeto. Por outro, o espaço encontrar-se composto, com mobiliário, por exemplo, disposto pelo arquiteto, mas que posteriormente, será adaptado pela entidade.

Há que partir do princípio, que a bagagem tanto sensível como intelectual, de referências e memórias, que o indivíduo transporta e, inevitavelmente, condicionam e determinam a relação dele com o espaço, serão representadas através do modo como este se apropria dele. Assim, também serão retratadas as duas dimensões da interpretação: a consciente e a inconsciente. Consciente, como uma intelectualização do espaço e inconsciente acompanhada pela



## A sequência do tempo: na transformação (adulteração) do espaço

condição de uma pré-disposição, um sentido inerente a qualquer sujeito e que surge também fruto das suas referências. Ou seja, o espaço também surge como um elemento catalisador de estímulos, sendo o indivíduo mecanizado.

É importante também, abordar a questão da diferença entre um espaço e um lugar, e como indivíduo interage e reage perante cada um. Quando é que um espaço se torna lugar, tendo noção que ao chegar ao lugar não se volta ao espaço? Esta noção de que um local pode tornar-se um lugar a partir dessa interação depende, primeiro, de uma clara distinção entre um e outro. Sendo que o espaço inicial representará o desenho prévio do projeto, o meio em que o indivíduo se movimentará, e a partir da sua interpretação este apropriar-se-à dele, tornando-o num lugar, “o seu lugar”. Por outro lado, tentamos perceber quando é que um lugar se torna num não-lugar. Representando-o através de um domínio em que tudo é excessivo, anulando o próprio espaço, descaracterizando-o e, consequentemente, afastando o sujeito da sua capacidade de estabelecer relações e interpretações daquilo que experiência. Acabando a entidade por abandonar o local.

Por fim, como questão: pode o indivíduo deixar a sua marca no espaço, a partir do momento em que se apropria deste? Assim, utilizaremos o exemplo já dado, uma divisão, projetada pelo arquiteto despida de qualquer ornamento, que, posteriormente, é completada com mobília e outros elementos pelo sujeito que nela habita. Porém, quando esse lugar criado deixa de ser significativo, a entidade muda-se, levando consigo toda a bagagem, mas deixando para trás a silhueta dos móveis, marcas de estrago que definem como outrora ocuparam aquele espaço.

Todo este desenlace será acompanhado por uma banda sonora original, a criar pelo grupo, de modo a que esta seja contínua e acompanhe toda a curta, reforçando as ideias que se pretendem transmitir.



**“A NOÇÃO DO SER PERMITE UNIR  
PLENAMENTE AS DIMENSÕES  
MENTAIS DO SONHO, DA  
IMAGINAÇÃO E DO DESENHO (...) OS  
EDIFÍCIOS E AS CIDADES OFERECEM UM  
HORIZONTE PARA A COMPREENSÃO E O  
CONFRONTO DA CONDIÇÃO DA EXISTÊN-  
CIA HUMANA ”**

### Índice de imagens:

1. “Writings on Architecture” (1997), SIZA, Álvaro;
2. fotografia de Alexandra Gonçalves;
3. fotografia de Carolina Brás
4. “Creating Defensible Space”, U.S.D.H.U.D.;
5. “Dance Curves”, KANDINSKY, Wassily;
6. ilustração de Carolina Brás;
7. fotografia de José Pereira;

### Índice de citações:

1. “Raised by Association: Robin Hood Gardens and it’s Interpretations” LI, Ang;
2. “The eyes of the skin”, PALLASMAA, Juhani;
3. “Raised by Association: Robin Hood Gardens and it’s Interpretations” LI, Ang;
4. “Saber ver a arquitectura” (1948), ZEVI, Bruno;
5. “The eyes of the skin”, PALLASMAA, Juhani;

gF5

Alexandra Gonçalves

Carolina Brás

José Miguel Pereira

Pedro Oliveira

Sofia Furtado